

Comunicação digital e pensamento mutante

Francisco José Paoliello Pimenta¹

Resumo: O trabalho propõe que a ciência da Comunicação tem como objeto os incessantes processos de interpretação de referências a contextos possíveis, existenciais ou ideacionais, ou de articulação entre eles, que envolvem sistemas vivos, inteligências artificiais, ou seus híbridos, o que sempre conduz os agentes a algum grau de mudança, afetando seus modos de perceber, de agir, ou de raciocinar, ou suas combinações. Apresenta, em seguida, as bases dessa compreensão, sobre a semiótica e o pragmatismo de Peirce, e alguns exemplos de sua aplicação.

Palavras-Chave: comunicação; epistemologia; semiótica

Digital communication and mutant thought

Abstract: The paper proposes that the object of communication sciences consists of the incessant interpretative processes about references of possible, existential or ideational contexts, or the articulation between them, that involve living systems, artificial intelligence, or their hybrids, which always leads their agents to some degree of change, affecting their ways of perceiving, acting or reasoning, or theirs combinations. It then presents the basis of this understanding on Peirce's semiotics and pragmatism, and some examples of its application.

Keywords: communication; epistemology; semiotics

Comunicación digital y el pensamiento mutante

Resumen: El texto propone que el objeto del proceso de la ciencia de la comunicación consiste en los incesantes procesos de interpretación de referencias a contextos posibles, existenciales o ideacionales, o la articulación entre ellos, que incluye a los sistemas vivos, inteligencias artificiales, o sus híbridos, o que siempre lleva los agentes a algún grado de cambio, afectando a sus formas de percibir, actuar, o pensar, o sus combinaciones. A continuación se presenta la base de este entendimiento sobre la semiótica y el pragmatismo de Peirce, y algunos ejemplos de su aplicación.

Palabras claves: comunicación; epistemología; semiótica

Neste trabalho, desenvolveremos a hipótese de que a ciência da Comunicação tem como objeto os incessantes processos de interpretação de referências a contextos possíveis, existenciais ou ideacionais, ou de articulação

¹ Professor (PPGCOM/UFJF). Doutor em Comunicação e Semiótica (Puc-SP). Email: Paoliello@acessa.com. CV: <http://lattes.cnpq.br/2368585419362246>

entre eles, que envolvem sistemas vivos, inteligências artificiais, ou seus híbridos, o que sempre conduz os agentes a algum grau de mudança, afetando seus modos de perceber, de agir, ou de raciocinar, ou suas combinações. Tal concepção se articula com o Pragmati(ci)smo de Charles Peirce, em especial às suas proposições relacionadas ao significado, ao tratar da idéia da razoabilidade; à Estética, em suas referências ao *Kalós* (o admirável); e à Semiótica, em especial por meio do conceito de interpretante, entre eles o lógico último e o final.

A hipótese é apresentada apenas em sua primeira etapa de operação, ou seja, como inferência abductiva anterior ao processo dedutivo que poderia conduzi-la a seu teste na experiência. No entanto, serão feitas referências a alguns de seus possíveis contextos de aplicação, destacando-se, então, implicações face à ambiência contemporânea, marcada pela convergência e hibridização sígnica, derivadas da comunicação ampliada por meio de suportes digitais.

Compreende-se, então, que tal ampliação proporcionada pelas tecnologias digitais vem estimulando os processos de comunicação não apenas numa esfera quantitativa, mas, especialmente, no sentido de proporcionar às mentes envolvidas, ainda que em diferentes graus, mas em escala global, sentimentos de compartilhamento, inserções mais efetivas em seus contextos sociais e daí, por meio da crescente autoconsciência de estarem operando por meio de signos complexos, a adoção de hábitos de pensamento de caráter universal.

As bases da definição do objeto da comunicação

De acordo com a definição que apresentamos acima, os processos de interpretação que caracterizam os sistemas vivos, inteligências artificiais e seus híbridos, em seu contínuo esforço de relacionar referências do ambiente a contextos mais complexos, constituem o objeto da ciência da comunicação. De fato, não é possível o estabelecimento de qualquer tipo de processo de comunicação sem que ocorram percepções de signos de algum tipo e, daí, é

inevitável que os agentes envolvidos no processo os relacionem a algum contexto, seja ele meramente possível, fisicamente existente, ideacional, ou uma combinação dessas esferas.

Além disso, defendemos que tal processo perceptivo, ao final, sempre conduz as mentes envolvidas a algum grau de mudança. Isto porque, na medida em que a relação apresentada acima, entre um signo percebido e um determinado contexto, é estabelecida, não há como evitar algum tipo de efeito nas mentes envolvidas, seja na esfera dos sentimentos, da ação, do pensamento, ou de suas combinações. A única alternativa seria esquivar-se daquelas percepções.

Tal definição do objeto da comunicação está assentada nos trabalhos do lógico Charles S. Peirce, em especial suas Ciências Normativas, entre elas a Semiótica e sua subdivisão intitulada Gramática Especulativa, que trata da análise dos múltiplos tipos de semioses, ou seja, dos processos sógnicos. A proposição encontra-se também em articulação com o Pragmatismo proposto pelo autor. Tal suporte se justifica, em primeiro lugar, pelo fato das Ciências Normativas esclarecerem as bases estéticas, éticas e lógicas das normas que motivam nossas condutas, entre elas as comunicacionais, e do Pragmatismo ampliar tal compreensão, ao articulá-la às características mais gerais dos processos do pensamento.

Peirce descreve assim tais ciências:

A ciência normativa é aquela que estuda o que deveria ser. Como ela difere, então, da engenharia, medicina, ou de qualquer outra ciência prática? Se, entretanto, a lógica, a ética e a estética, que são as famílias de ciência normativa, fossem simplesmente as artes do raciocínio, da conduta da vida e da arte, elas não pertenceriam ao ramo da ciência teórica, que é a única coisa que estamos considerando, afinal. Não há dúvida de que estão estreitamente relacionados às três artes correspondentes, ou ciências práticas. Mas o que torna a palavra normativa necessária (e não puramente ornamental) é precisamente o fato bastante singular de que, apesar dessas ciências estudarem o que deveria ser, ou seja, ideais, eles são as mais puramente teóricas das ciências puramente teóricas (PEIRCE, 1931-58, 1.281).

Portanto, são bases para definições, conforme propusemos acima. Daí, entre as relações estabelecidas pelas Ciências Normativas que fundamentam

nossa proposição, de que o objeto da ciência da comunicação consiste de processos de interpretação relacionando referências a contextos, gerando mudanças, encontra-se o conceito de Interpretante. Este, como se sabe, é o signo desenvolvido na mente do intérprete, mesmo que seja artificial, ao perceber a relação entre uma referência e seu possível contexto, e encontra-se no nível da lógica.

Existem diversas gradações do conceito, desde o Imediato, da esfera da mera possibilidade, passando pelo Dinâmico e seus subtipos, até o “Final”, de âmbito extremamente geral, abarcando processos futuros. Todos eles, naturalmente, se aplicam a processos comunicacionais, porém nos interessam aqui, em especial, os Interpretantes Dinâmicos, que operam na esfera existencial e, portanto, se relacionam diretamente com as trocas que efetivamente ocorrem no atual ambiente marcado pelas tecnologias digitais híbridas.

Embora haja certa controvérsia, pois Peirce não é claro nesse ponto, adotamos a posição de que o Dinâmico tem um subtipo Emocional, um Energético e um Lógico, e, ainda, uma especificação suplementar relativa ao Lógico Último. Esse Interpretante avança, em relação aos demais, de um caráter de interpretabilidade ligada à esfera dos sentimentos ou da ação, para se constituir numa operação cognitiva diferente, de mudança de hábito, de âmbito geral. Como tem esse caráter geral, atinge o máximo de normatividade em termos semióticos e constitui, assim, a referência para a mudança à qual nos referimos na definição que propusemos aqui.

Peirce descreve da seguinte maneira esse interpretante, ao tratar dos significados dos conceitos intelectuais como um “efeito”:

Antes de determinar a natureza desse efeito será conveniente adotar uma designação para ele, e eu vou chamá-lo de interpretante lógico, sem determinar ainda se este termo deve se estender a alguma coisa além do significado de um conceito geral – embora certamente esteja relacionado a isso – ou não. Devemos dizer que este efeito pode ser um pensamento, ou seja, um sinal mental? Sem dúvida, pode ser, porém, se este signo é do tipo intelectual – como deveria ser – ele próprio deve ter um interpretante lógico, de modo que ele não pode ser o interpretante lógico último do conceito. Pode-se provar que o único efeito mental que pode ser assim produzido e que não é um

signo, mas é de aplicação geral, é uma mudança de hábito; significando por mudança de hábito a modificação das tendências de uma pessoa para a ação, resultante de experiências anteriores ou de esforços anteriores de sua vontade ou atos, ou de um complexo de ambas as causas (PEIRCE, 1931-58, 5.476).

Daí, a idéia de que os processos de referência a contextos conduzem a mudanças, além de estar relacionada às Ciências Normativas, e, portanto, à Semiótica e sua Gramática Especulativa, se apóia, ainda, no Pragmatismo. Isto porque a concepção de que o Interpretante Lógico Último é a mudança de hábitos decorre da hipótese pragmática peirceana de que o pensamento é analógico a regularidades naturais que atuam sobre seus agentes, por meio de um processo intitulado Razoabilidade.

A base para se atingir tal harmonia com os processos naturais encontra-se, segundo Peirce, nas relações estéticas. É nessa esfera que o raciocínio aproxima-se do “admirável”, do Kalós, do *Summum Bonum*, que é a adoção espontânea de uma idéia pela mente coletiva como a mais adequada às circunstâncias, sem nenhuma razão em especial a não ser a noção instintiva de sua adequação. Diz Peirce:

Mas, para apresentar a questão da estética em sua pureza, devemos eliminar dela não apenas todas as considerações acerca de esforço, mas todas as considerações sobre ação e reação, incluindo toda consideração acerca da nossa recepção do prazer, tudo, em síntese, que pertença à oposição entre *ego* e *não-ego*. Não temos em nossa língua uma palavra com a generalidade requisitada. O grego *kalós*, o francês *beau* apenas se aproximam, sem atingi-la exatamente. “*Fine*” seria uma pobre substituta. Belo é mau, porque um modo de ser *kalós* depende essencialmente da qualidade ser não-bela. Talvez, contudo, a frase “o belo do não belo” não fosse ofensivo. Mas “beleza” é muito superficial ainda. A questão da estética é, usando o termo Kalós (do grego, “admirável”): Qual é aquela qualidade que, na sua presença imediata, é Kalós? A ética deve depender desta questão, assim como a lógica depende da ética. A estética, portanto, embora eu a tenha negligenciado terrivelmente, parece ser, possivelmente, a primeira e indispensável propedêutica para a lógica, e a lógica da estética parece ser uma parte distinta da ciência lógica que não deve ser omitida (PEIRCE, 1931-58, CP 2.199).

Assim, na medida em que obtemos significações cada vez mais precisas, ou seja, interpretamos de forma crescentemente adequada às relações de referências a contextos, mudamos nossos hábitos em harmonia com uma dinâmica que é “admirável” por ser própria à “razão da natureza”. As

inteligências artificiais não estão aptas a tais mudanças no atual contexto tecnológico. Daí, quanto mais os processos comunicacionais seguirem tal Razoabilidade, mais próximos estarão da excelência em significação, o que os conduz à proposição lançada acima, de que o objeto da ciência da comunicação é a interpretação de referências a contextos, gerando mudanças, em seus diversos graus.

A definição de objeto da comunicação e as demais ciências

Tal concepção do objeto da ciência da Comunicação, descrita acima, é aplicável às diversas vertentes que se desenvolvem nesse campo, uma vez que se volta para operações básicas inerentes a quaisquer processos sîgnicos e lógicas do pensamento e não para áreas específicas das práticas comunicacionais. De acordo com a classificação proposta por Peirce, reproduzida abaixo, as Ciências Normativas e o Pragmatismo constituem saberes anteriores às Ciências Especiais, sejam elas físicas ou psíquicas ou, ainda, às eminentemente práticas.

Quadro 1: Classificação das Ciências, segundo Peirce

A. Ciências da descoberta , chamadas <i>heurísticas</i> .
A.1. Classe: <u>Matemática</u>
Ciência que “não se incumbe de averiguar nenhuma razão de fato, mas, sim, meramente de colocar hipóteses e de investigar as suas conseqüências” (CP 1.240).
A.1.i. Subclasse: matemática da lógica
A.1.ii. Subclasse: matemática das séries discretas
A.1.iii. Subclasse: matemática dos <i>continua e pseudocontínua</i> .
A.2. Classe: <u>Filosofia, ou cenoscopia</u>
“Por Filosofia, quero dizer aquele departamento da Ciência Positiva, ou Ciência de Fato, que não se ocupa em recolher fatos, mas meramente em aprender o que pode ser aprendido da experiência que constrange a cada um

de nós, todos os dias e todas as horas.” (HL 207-208).
A.2.i. <i>Subclasse:</i> Catagórica, fenomenologia ou faneroscopia
Objetiva descrever todos os aspectos que são comuns a tudo aquilo que é <i>experienciado</i> , poderia concebivelmente ser experienciado, ou se tornar objeto de estudo.
A.2.ii. <i>Subclasse:</i> Ciências Normativas
Análise das condições de obtenção de um ideal; de um fim. “Duro dualismo” do encontro com a experiência.
A.2.ii.a. <i>Ordem:</i> Estética
Como é possível distinguir o que é admirável em si mesmo.
A.2.ii.b. <i>Ordem:</i> Ética
Condições da conduta deliberada para se conformar a um ideal admirável.
A.2.ii.c. <i>Ordem:</i> Lógica; semiótica; retórica especulativa; lógica objetiva
Estudo do pensamento deliberado, na medida em que este é uma forma de ação deliberada; ciência das leis gerais dos signos.
(1) <i>Gramática Especulativa</i>
Teoria geral da natureza e da significação dos signos.
(2) <i>Crítica</i>
Classifica argumentos por validade e grau de força de cada espécie.
(3) <i>Metodêutica</i>
Estuda os métodos que deveriam ser perseguidos na investigação, na exposição e na aplicação da verdade. “Pragmatismo é claramente, em essência, uma parte da Metodêutica” (Ms. 320, 000024).
A.2.iii. <i>Subclasse:</i> Metafísica

Ciência que busca dar uma interpretação do universo da mente e do universo da matéria; é a ciência que busca dizer o que é a realidade em seus traços e características mais gerais.
A.2.iii.a. <i>Ordem:</i> Metafísica geral, ou ontologia
A.2.iii.b. <i>Ordem:</i> Metafísica psíquica ou religiosa
A.2.iii.c. <i>Ordem:</i> Metafísica física
A.3. <i>Classe:</i> <i>Ciências Especiais ou Idioscopia</i>
A.3.i. <i>Subclasse:</i> <i>Ciências físicas</i>
A.3.i. <i>Subclasse:</i> <i>Ciências psíquicas</i>
B. Ciências da Revisão.
Relacionam as inovações das descobertas às aplicações práticas do cotidiano.
C. Ciências Práticas.
Se dedicam a problemas particulares do mundo da experiência.

Fonte: Collected Papers of Charles Sanders Peirce.

Sobre esse quadro, considera Santaella:

Na complexidade desse contexto, o pragmatismo evolucionista de Peirce não se reduz ao exame dos processos interpretativos dos signos, pois isso é tarefa da gramática especulativa e da retórica especulativa, mas implica o estudo das relações indissolúveis da lógica ou semiótica com a ética e desta com a estética, ambas concebidas de modo bastante original. Ao fundamentar todo esse edifício de disciplinas filosóficas intimamente relacionadas encontra-se a fenomenologia, a doutrina das categorias, isto é, a quase-ciência que tem por finalidade determinar quais são as categorias mais vastas, gerais e universais da experiência. Essas categorias pós-aristotélicas, pós-kantianas e pós-hegelianas, a que Peirce deu à luz, batizando-as, por isso mesmo, de 'nova lista', estão onipresentes em seu pensamento (SANTAELLA, 2010, p. 349).

Portanto, assim como o Pragmatismo, situado na esfera da Metodêutica, e também a Semiótica, outra das Ciências Normativas na qual nos apoiamos, estão assentados sobre a base da Fenomenologia e, daí, sobre a compreensão mais geral dos fenômenos que constitui a Matemática, por sua vez, as Ciências Especiais, físicas e psíquicas, tanto quanto as práticas, são compreendidas aqui

como tendo suas fundações na Semiótica e no Pragmatismo. A partir desse pensamento, não há, portanto, qualquer possibilidade de competição entre a Semiótica, ou o Pragmatismo, e as variadas vertentes do campo comunicacional, sejam elas de caráter mais técnico ou sociológico, e sim complementaridade.

Primeiro exemplo de aplicação da definição: a tecnocultura

Uma das principais esferas dos atuais estudos comunicacionais que se convencionou chamar de Tecnocultura ou Cibercultura pode ter seus processos compreendidos de forma mais complexa se adotarmos tais perspectivas. O fator novo que deu origem a essa vertente de estudos está relacionado, essencialmente, ao âmbito do suporte, em vista da substituição de componentes analógicos por tecnologias digitais nos mais diversos equipamentos de comunicação. Daí, esse desenvolvimento vem alterando os modos como se dão os processos de troca, uma vez que as tecnologias digitais permitem a criação, transmissão e recepção de signos híbridos que articulam os mais diversos códigos, ampliando as relações entre os referentes e seus contextos, ou seja, entre signos e objetos, propiciando processos interpretativos de crescente complexidade.

Diante desse quadro, a definição do objeto com base nas Ciências Normativas, conforme propusemos acima, além de se esclarecer melhor as relações entre signos e objetos, pode ser útil na medida em que enfatiza os processos de mudança, e, daí, avança na explicação dos efeitos gerados nesse contexto marcado pelas tecnologias digitais. Para tal, o conceito de Interpretante, do âmbito da Semiótica, com suas diversas esferas, articulado com os outros âmbitos da Estética e da Ética, ajudam a compreender a base lógica dessas mudanças em seus aspectos comunicacionais, avançando em relação às visadas de fundo descritivo que caracterizam muitos dos estudos dessa vertente.

Um dos aspectos que vimos apresentando nos últimos anos, em relação a isso, se refere a uma possível mudança não só de hábitos de ação, mas também de pensamento, derivada de um aprimoramento dos processos de interpretação

derivado da utilização dos suportes digitais multicódigos. Tal desenvolvimento viria a partir da noção de um crescente compartilhamento comunicacional entre os usuários por causa das mediações sígnicas sinestésicas, que recuperam as qualidades dos fenômenos face a face, por atenuação da intermediação sígnica.

Em artigo apresentado no congresso da Compós em 2006, estabelecemos as condições para a ocorrência de tais mudanças:

Cultivar hábitos críticos coletivos de autocontrole reflexivo, submetidos à heterocrítica, tendendo para a ação em conjunto em busca de um ideal estético sempre em processo é, portanto, o caminho que o Pragmatismo de Peirce indica para o ciberativismo. Com um alerta: sem a consciência dos princípios-guia, as possibilidades da imersão hipermídia e da telepresença não estarão articuladas aos genuínos interpretantes lógicos últimos e, assim, deixarão de estar aptas a gerar novos hábitos mentais, de ação e de sentimento sempre que a realidade externa assim o exigir (PIMENTA, 2007, p. 185).

Caso essas condições estejam sendo cumpridas e tais mudanças estejam, de fato, acontecendo, estaríamos, de acordo com o Pragmatismo, caminhando no sentido da Razoabilidade, ou seja, nossos processos de significação e de comunicação estariam se desenvolvendo com algum grau de harmonia com a lógica, ou “razão” do universo. Sobre tal base de compreensão dos processos comunicacionais, essa vertente pode, então, explorar diversos outros aspectos dos fenômenos e situá-los num quadro de amplitude mais universal e menos relacionado a uma determinada cultura, portanto, mais compatível com as características da tecnocultura.

Segundo exemplo de aplicação da definição: a Sociologia da Comunicação

Outra tendência de estudos da área que pode se beneficiar da definição de objeto da ciência da Comunicação apresentado acima é a do campo visto sob uma perspectiva social, na medida em que se compreenda que mesmo as ocorrências de esferas mais estritamente culturais, com ênfase em trocas simbólicas, são organizadas semioticamente. De fato, os processos sociais sempre se desenvolvem por meio de trocas sígnicas, nas quais múltiplas

relações entre referências e contextos vão sendo estabelecidas e, daí, interpretadas. Compreender esse estágio básico dos pensamentos, entre eles o social, passa a ser, então, um referencial a mais na aproximação aos fenômenos que se deseja analisar sob um ponto de vista comunicacional. Nesse caso, acreditamos que a ênfase no contexto externo ao pensamento, e à consideração da existencialidade dos objetos das representações decorrente da imersão e imediaticidade permitidas, constitui uma das contribuições mais relevantes da Semiótica no atual quadro de estudos.

A propósito desse tema, e com base na semiótica, Andacht critica a “moda” teórica da vertente intitulada Construção Social da Realidade, que confere ao simbólico uma prevalência frente à materialidade sígnica. Em suas palavras:

Considero o uso maciço e difuso da CSR na literatura comunicacional um *movimento centrífugo* de diluição da identidade causado pela adoção irreflexiva, automática do modelo construcionista. O desfecho deste uso prático e reducionista dessa teoria é a transformação de uma atividade de natureza científica em outra política ou prática: embora justa ou admirável, a tarefa de mudar o mundo através da elevação da consciência social não deve ser confundida com a procura autocrítica e sistemática de conhecimento. Estamos perante uma ação baseada em certezas, em convicções pessoais. O maior ou menor grau de respeitabilidade desta atitude não é algo pertinente para a presente discussão epistemológica do campo comunicacional (Andacht, 2006, p. 2).

Em trabalho recente, Felinto também denuncia o que julga uma atual desconsideração da materialidade nas análises dos processos de comunicação, embora sua crítica não venha de uma vertente propriamente semiótica. Diz o autor:

Como disciplina fundamentalmente preocupada com a investigação de processos de significação entre emissores e receptores, a comunicação se caracterizou como uma investigação de ordem hermenêutica. E, notadamente, a história das teorias e dos métodos de pesquisa em comunicação apresenta um viés quase que exclusivamente hermenêutico. De análise de conteúdo aos estudos de recepção, trata-se essencialmente de interpretar sentidos. Nesse circuito, o componente propriamente tecnológico e material dos meios foi quase que inteiramente esquecido. O mais importante eram os emissores e receptores humanos que se encontravam nas pontas da cadeia comunicacional, na qual os meios apareciam como pouco mais que instrumentos de transmissão de informação (FELINTO, 2011, p. 6).

Além de colaborar para esclarecer melhor essa polêmica, a definição de objeto apresentada acima, ao enfatizar o efeito de mudança, atende às características dinâmicas dos processos sociais de comunicação e torna, assim, mais claras as relações estudadas por essa vertente no atual ambiente de transformações associadas às hibridizações sógnicas geradas pela tecnologia digital. Uma noção mais clara, complexa e atual das trocas semióticas que se encontram na base desses processos, incluindo as articulações permitidas pela teoria dos Interpretantes, pode ser útil para superar dificuldades que essa vertente geralmente encontra, em seu apego a fundamentações teóricas ainda muito associadas ao Estruturalismo e ao seu modelo verbalista.

Nesse caso, a contribuição do Pragmatismo pode ser encontrada, em especial, em sua ênfase no caráter coletivo dos processos de significação, na medida em que estes são vistos como se desenvolvendo em harmonia com a lógica ou “razão” do universo, ou seja, com a Razoabilidade. Segundo Peirce, uma visão científica do mundo é, necessariamente, fruto do pensamento geral, e, portanto, algo de caráter social. Em vista do fato dessa lógica se apoiar na excelência ética que constitui a adesão à meta do admirável, isso também se aplica ao âmbito das ações, no caso, a uma ênfase naqueles comportamentos de caráter coletivo.

Terceiro exemplo de aplicação da definição: a esfera do jornalismo

Outra esfera que tem muito a ganhar a partir de uma compreensão dos fenômenos de seu campo consciente de sua base semiótica é o jornalismo, em vista do fato de que, como uma das esferas da Comunicação, tem como sua matéria prima, por excelência, os processos sógnicos. Portanto, conhecê-los da melhor forma possível em suas relações derivadas de suas instâncias representativas, de referência e interpretativas é algo bastante recomendável. Na medida em que essa atividade está sempre em busca de signos que possam representar seus objetos da forma mais rica possível, tal objetivo está intrinsecamente relacionado à procura de Razoabilidade preconizada pela

máxima pragmática de Peirce, concebida como método que visa, exatamente, aprimorar a obtenção de significados.

Outro campo em que há uma clara articulação entre o jornalismo e sua base semiótica é quando focalizamos a esfera das mudanças pelas quais vem passando a Comunicação, em decorrência da disseminação das tecnologias digitais. De fato, tais transformações vêm criando um cenário crítico para essas atividades, uma vez que todas as rotinas, desde a confecção das pautas até a edição final tem passado por uma reorganização radical, alterando, ainda, todas as demais esferas, incluindo seus âmbitos sociais e econômicos. Nesse contexto, a semiótica e o Pragmatismo podem contribuir para uma melhor compreensão desses processos de mudanças, tanto na esfera do signo, ele mesmo, em vista das alterações nos suportes, do signo em relação a seu objeto, considerando-se todas as transformações nos processos de obtenção de informações, e, ainda, na esfera do signo em relação a seus interpretantes, observando-se o grande impacto que as tecnologias digitais têm causado na esfera social e do pensamento.

Na medida em que o jornalismo se desloca de sua configuração típica da sociedade de massas, caracterizada pela concentração de emissores, para a atual estrutura aberta marcada pelas redes informatizadas, apresenta-se uma nova ambiência propícia para intervenções comunicacionais com características coletivas, conforme destacamos acima, e, portanto, mais adequada à lógica da Razoabilidade.

Quarto exemplo de aplicação da definição: a epistemologia da comunicação

Os debates na esfera da epistemologia da Comunicação também têm a ganhar com a adoção de tal definição do objeto, ou seja, como processos de referência a contextos que conduzem a mudanças, tendo-se em vista o caráter metalingüístico da epistemologia em relação às práticas de linguagem que constituem os diversos processos de comunicação, fato que a torna, de saída, portadora de um estatuto marcadamente representacional e semiótico, e, daí,

apta a um tratamento lógico que lhe garanta segurança quanto à excelência do raciocínio empregado. O pensamento epistemológico se desenvolve, portanto, por meio de análises ou referências ao contexto de produções teóricas comunicacionais, as quais, por sua vez, são constituídas de outras representações, ou referências, a objetos em seus diversos contextos práticos, sejam eles midiáticos ou da comunicação interpessoal.

Também o caráter dinâmico, de mudança, da epistemologia da Comunicação, decorrente das características de seu objeto, atualmente radicalizadas pela tecnologia digital, encontra abrigo nessa caracterização da ciência da Comunicação conforme defendemos acima, ainda mais considerando-se o atual momento crítico das atuais posturas do campo epistemológico, em especial nessa esfera em particular. De fato, os problemas com os quais a tarefa de construção da ciência da Comunicação se debate estão a exigir mudanças de hábitos e, daí, os instrumentos fornecidos pela Semiótica, entre eles o conceito de Interpretante Lógico Último, conforme vimos acima, podem ser de grande utilidade para a compreensão desses desafios e do que pode ser feito para enfrentá-los.

Além disso, a visada pragmática da definição proposta acima proporciona aos estudos epistemológicos a possibilidade de articulação com uma fundamentação do pensamento com uma compreensão complexa das questões metodológicas. Ao operar a partir da esfera da Metodêutica, a Pragmática se propõe como metodologia que pensa os métodos envolvidos nas investigações científicas, ou seja, a abdução, a indução e a dedução, e os articula com o que, até agora, obtivemos da experiência, em direção a uma compreensão dos fenômenos relacionada à lógica ou “razão” do universo. Permite, assim, a proposição de um método para a própria ciência dos métodos, na medida em que parte dessa compreensão de caráter extremamente geral associada ao conceito de Razoabilidade descrito acima, que inclui a universalidade dessas operações, derivadas da generalidade extramental que opera no universo e que formata nossos pensamentos e teorias.

Referências

- ANDACHT, Fernando. **A Síndrome de Prometeu: um obstáculo no desenvolvimento do campo da comunicação.** In Anais do XVI Compós. Niterói: UFF/Compós, 2005. (CD)
- MICHAEL, Fred. **“Two Forms of Scholastic Realism in Peirce's Philosophy”** in Transactions of the Charles Sanders Society, Vol. XXIV no. 3. Amherst, University of Massachusetts Press, 1988, pp. 317-348.
- NESHER, Dan. **“A Pragmatic Theory of Meaning”** in Semiotica 44 3/4. Amsterdam: Mouton, 1983, pp. 203-257.
- PIMENTA, Francisco J. Paoliello. **Pragmatismo: referência epistemológica para ciberativistas?** In: Ferreira, Jairo (Org.). Cenários, Teorias e Heranças do Campo Acadêmico da Comunicação. Rio: E-Papers, 2007, p. 171-185.
- _____. **Semiótica, como teoria da representação, e o campo da Comunicação.** In Coutinho, Iluska e Silveira, Potiguara (Orgs.). Comunicação: tecnologia e Identidade. Rio: Mauad X, 2007, p. 11-22.
- _____. **A Epistemologia da Comunicação e o Grupo da Unisinos.** In Anais do XIX Compós. Rio: PUCRio/Compós, 2010. (CD)
- PEIRCE, Charles Sanders. **Collected Papers.** 8 vols. Cambridge: Harvard University Press, 1931 - 1958.
- _____. **The Essential Peirce.** 2 vols. Indiana: Peirce Edition Project, 1998.
- SANTAELLA, Lucia. **O Método Anticartesiano de C. S. Peirce.** São Paulo: Unesp, 2004.